CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ

MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ

PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48 - 2º ANDAR

1990

GUARATINGUETÁ
HISTÓRIA
98

# GUARATINGUETÁ

## FESTAS EM LEMBRANÇAS



Matriz



Rosário

Demolida em 1935

Até princípios deste século, três grandes festas religiosas movimentavam a pacata cidade: São Benedito (na segunda-feira de Páscoa), do Divino (de meados de maio a meados de junho, conforme a data do dia de Pentecostes) e do Rosário (fins de outubro ou começo de novembro). Destas, apenas sobreviveu, por enquanto, a de São Benedito.

A Festa do Divino, uma das festas reais das Ordenações do Reino, com a do Rosário, eram ocasião para a apresentação de muita música caprichada: Ladainhas, Missas, Rezas Solenes, etc. Conforme a posição política do festeiro, apresentava-se ora a Banda "União Beneficente", ora a

Banda Mafra, seja formando conjuntos próprios para os atos litúrgicos, seja apresentando-se pelas ruas nas alvoradas, cortejos, procissões e na queima dos "fogos artificiais" . Os programas da Festa do Divino do final do século passado e princípios deste, não falam em "Imperador do Divino" e na "Casa do Império", apenas se referem à "casa do festeiro". Isto talvez seja consequência das restrições feitas pelo Visitador Canônico, em 1761, quanto a abusos com a imagem do Menino Deus, durante as festas do Divino, na "Casa do Império" e mesmo na matriz, segundo transcrição de Lucila Hermann do Livro Tombo da Matriz (1).

O Septenário que antecedia à Festa do Divino era normalmente repleto de atividades religiosas e populares: alvorada todos os dias com banda de música, foguetório e"Folias do Divino" (grupo de mascarados com suas evoluções - em 1886 foram distribuídas 200 máscaras à rapaziada), seguindo-se farta mesa de "bolo-de-arroz". O itinerário das alvoradas, a cada dia, era em uma região diferente da cidade: centro, São Gonçalo, Pedregulho, etc. À noite, a reza solene com "Domine", Ladainha de Nossa Senhora, "Regina Coeli", "Tantum Ergo", "Veni", etc da autoria de renomados compositores da cidade ou não, além dos Padre-Nossos, Ave-Marias e o "Solo ao Pregador". Antes e após a reza, a Bandeira da Festa era conduzida em cortejo desde a casa do festeiro até a igreja. No sábado, véspera de Pentecostes , eram cantadas, após a reza, solenes Matinas seguidas de "Te Deum". Na Festa do Rosário, a novena seguia quase o mesmo esquema.

Havia, também, em ambas as festas, o levantamento solene do respectivo mastro, em frente à igreja da festa.

Na Festa do Divino havia distribuição de carne aos

pobres e aos presos. Durante a semana, o gado conseguido era festivamente levado ao matadouro acompanhado pela cavalaria. Por volta de 1912, houve lamentável acidente no Mercado, quando o povo rompeu o portão do amarradouro, ocorrendo mesmo uma ou duas mortes, como testemunhou Da. Maria Palma. Em alguns programas há referência a "jantar aos presos". O programa de 1904 informa que haveria também distribuição de pão e sal, levados, com a carne, em 4 carros e banda de música pelas ruas, após a distribuição no mercado.

O DIA DA FESTA - Em ambas as festas o programa desse dia é bastante parecido. "Executando as pragmáticas estabelecidas, sahirá o festeiro de sua residência, acompanhado de luzida e distincta comitiva, às 10 horas da manhã, para a igreja matriz; em seguida à sua chegada terá começo, às 11 horas, a grande e solene missa cantada" (Do programa da Festa do Divino de 1896). À entrada do cortejo na igreja, era executada uma "ouverture" pela orquestra. Seguia-se a missa cantada solene. Os programas, geralmente, indicam o autor das diversas composições executadas durante a missa cantada (e em outros atos litúrgicos) e os respectivos cantores solistas, especialmente do encarregado do "solo ao pregador". Era comum participarem cantores e músicos do Rio de Janeiro e de cidades da região.

Após a missa, novo cortejo. "Finda a missa, novamente acompanhará o festeiro até sua residência, a mesma comitiva, onde se fará encontrar um modesto - copo d'água - para todos os presentes" (Programa de 1896). O "copo d'água" oferecido pelo festeiro de 1896, Papaterra Limonge, mereceu rasgados elogios do jornal "A Gazetinha". Muitas vezes era oferecida farta mesa de doces ao povo em praça pública.

À tarde, a concorrida procissão, com muitos andores. À entrada, nova "ouverture" pela orquestra, seguindo-se a reza solene com "Te Deum". Após, a queima dos "fogos artificiais" com a participação da Banda de Música, conforme atesta Ferreira Junior.

Durante os dias das festas:"Aos populares serão prodigalisadas as fervidas, pinga, caninha, etc., conforme é de costume, assim como será proporcionado o tradicional Mastro Cocagne para completa distração dos amanteticos desse passatempo" (Prog. de 1896). "Para completo passatempo da rapaziada haverá diversos entretimentos, entre os quaes o universal e immenso Mastro Cocagne, estando na extremidade um bom prêmio para o primeiro que lá chegar" (Prog. de 1904). Quermesse, leilão, bebidas, doces, pau-de-sebo, fogueteiro e muita música animavam essas típicas festas do catolicismo jesuítico-brasileiro. Pelo menos em um programa há referência à oferta de mesa de doces na casa do novo' festeiro.

Após 1922, os jornais não mais destacam essas festas, do Divino e do Rosário, muitas vezes resumindo-se o noticiário a registrar que houve novena, missa cantada e procissão. Exceção é 1927 quando, em cumprimento de promessa, o festeiro Coronel Antonio Meirelles Freire consegue, do Bispo de Taubaté, autorização para realizar a Festa do Divino "com a costumada pompa de annos anteriores". Mas, conforme o Correio Popular de 29/5/1927: "Foi completamente abolida a parte profana da festa, devendo esta circunscrever-se exclusivamente às solemnidades do rito religioso". Atribuiu-se a decadência da Festa do Divino ao incidente ocorrido no mercado por volta de 1912; porém em 1922, o programa da festa ainda é bastante semelhante aos de anos anteriores. Fato é que, desde os meados dos anos 20 em diante, as duas festas desapareceram (até mesmo a igreja do Rosário). Até 1990 sobrou apenas a Festa de São Benedito, bastante semelhante àquelas, mas com uma diferença importante: a do Divino era a Festa da elite, a do Rosário, mais da classe média, a de São Benedito, a dos pretos. Perdurará a Festa de São Benedito à pretendida transferência de dia, sob a alegação de que ela "é uma excrecência à Semana Santa"???!!!

Guaratinguetá, Mês do Rosário de 1990.

Benedito Dubsky Coupé

FONTES: a) Jornais de 1886 em diante, da Hemeroteca do Museu Frei Galvão b)Ferreira Júnior - "Guaratinguetá"NOTA : (1) Após a dissolução da Banda Mafra, a Lyra Democratica a substituiu.